



METÁFORAS, *PRÁXIS* SOCIAIS INCORPORADAS, AO SERVIÇO DO EMPODERAMENTO E DA REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA

Maria de Fátima Toscano
Instituto Superior Miguel Torga

Resumo

Os processos de requalificação sócio-identitária – ‘empoderamento’ – só se concretizam (requalificação numa vida diferente) quando, superando o ‘presentismo’ (imaginário, linguagens e práticas), são incorporados *imaginários* e linguagens de mudança implicados e subjetivados.

Práticas como formação, co-construção sociológica de narrativas para o *empoderamento* de mulheres (anos 90), e trabalho performático (públicos diversificados: escrita e leitura participadas de poesia) ensinaram-nos o papel do imaginário e da *metáfora* na construção de *percursos* de empoderamento-sucesso (ver ferramentas-fórmula “*as if*”).

Assim, na *capacitação*-intervenção social – desde a ‘pedagogia encarnada’ e comunicação interaccionalista – a reconstrução de narrativas devém central, sendo a *metáfora*, entendida como *práxis* socializada (inter-)subjectivada, representada-incorporada.

Palavras-chave: Metáforas; Requalificação Sócio-Identitária; Narrativas Biográficas

METAPHORS AS SOCIAL PRAXIS INCORPORATED, SERVING EMPOWERMENT AND SOCIO-IDENTITY REQUALIFICATION

Maria de Fátima Toscano
Instituto Superior Miguel Torga

Abstract

The processes of socio-identity requalification – ‘empowerment’ – only materialize a different life when, overcoming “presentism” (imaginary and languages), imaginaries and languages of change are incorporated, implicated and subjectified.

Practices such as training, sociological co-construction of women’s empowerment narratives (1990s), and performative work (diverse audiences: participatory writing and reading of poetry) taught us the role of the imaginary and *metaphors* in the construction of successful empowerment paths (see “as if” formula tools).

Thus, in social empowerment-intervention – from ‘embodied pedagogy’ and interactionist communication – the reconstruction of narratives becomes central, with *metaphors*, understood as *socialized* (inter-)subjectified *praxis*, represented-embodied.

Keywords: Metaphors; Socio-Identity Requalification; Biographical Narratives

Introdução

Metáforas: *práxis sociais* incorporadas e requalificação social

O foco deste texto é a centralidade do trabalho *com e pela metáfora* nos processos ecológicos transdisciplinares de co-construção da mudança social (Ortega, 2019), também designáveis por processos de capacitação (Freire, 1970), de empoderamento¹ ou, na nossa formulação, processos de *requalificação sócio-identitária* (Toscano, 2010).

Sendo a *metáfora* transversal a várias áreas sociais e humanas, defendemos aqui que as suas potencialidades são centrais no trabalho sociológico para o empoderamento, pois assume-se que a *metáfora* é central nos *processos de comunicação interacionais*, que são os constituintes da sociedade.

Com efeito, consideramos que a *metáfora*, mais do que uma mera *matéria, conteúdos ou produto*, ‘espontâneo’ ou co-construído – das linguagens criativas e artístico-literárias –, é, sim, uma *práxis social*: representada, incorporada e (inter-) subjetivada.

Tal argumento central emerge de dois componentes estruturadoras do percurso de vida dos autores deste texto, a saber: os processos criativos-artísticos – escrita literária (de romance, crónica e, sobretudo, poesia) e *performance* –; e os processos de co-construção da mudança social.

Na verdade, no que respeita aos primeiros *continentes criativos-artísticos* – pela prática continuada, desde 1975, de escrita literária, sobretudo de poesia –, temos apreendido multiplicidades de leituras, interpretações e realidades designadas e lidas, essa porta aberta para a subjetividade, pela imaginação e pelo imaginário poéticos. E

essa prática foi também o contexto para, desde os anos 90, irmos criando eventos e espetáculos – participados – *de leitura encenada de Pessoa*, socorrendo-nos dos sabedores da *intervenção baseada na arte*.

No que se refere aos *continentes de co-construção da mudança social* pudemos desenvolver, desde fins dos anos 90, contextos de co-construção de narrativas com mulheres em processos de requalificação sócio-identitária. Construindo a relação de confiança e de escuta empática, num frente-a-frente íntimo com cada narradora, no espaço personalizado de cada uma e na relação com as várias solicitações, expressões, adequações e intervenções performativas – afetivas, relacionais, comportamentais, gestuais, espaciais; e, também, verbais. Por isso, também sempre num processo de comunicação corporal que cada relato “*por medio de la memoria (...) del cuerpo*” (Bellerín, 2021, p. 5) exigia, mobilizava, ocultava, reprimia e dava a ver, no sentido heideggeriano.

Este percurso de sociologia de intervenção e investigação evidenciou que a reconstrução sócio-identitária supõe a mudança (reconfiguração) e continuidade de *formas* (durkheimianas) *de ser, pensar, agir*, em dialética com as formas compreensivas e modos de sentir e sonhar.

Perceber-se-á, agora, porque é que o nosso argumento reflecte, no ponto 1, sobre as potencialidades da *metáfora*, para além dos processos criativos-artísticos, nos próprios processos de co-construção da mudança social.

Tomando neste texto todos os processos de co-construção da mudança social como complexos processos de comunicação, abordamos, no ponto 2, a centralidade da reconstrução de narrativas e *metáforas* na capacitação-intervenção social – requalificação sócio-identitária, empoderamento – conteúdos que as reflexões finais consolidam.

1. Metáfora, *práxis social*

Afigura-se-nos ‘externalista’ e ‘mecânico’ o entendimento da *metáfora* como “recurso expressivo que consiste em usar um termo ou uma ideia com o sentido de outro com o qual mantém uma relação de

1 Termo mencionado primeiro pela socióloga Rosabeth Moss Kanter para designar uma abordagem da comunicação-poder nas organizações, teria desenvolvimentos na Psicologia Comunitária: ver J. Rappaport, 1977; e a obra editada com Edward Seidman (2006); como, também, M. A. Zimmerman (1995).

Para o nosso objetivo salientam-se aplicações do *Empowerment* às áreas de desenvolvimento comunitário, participação social e democratização política: John Friedmann (1996) [ed.or.1992] e Amartya Sen (2000).

semelhança”.² Dito de outro modo: o entendimento da *metáfora* como uma “figura de linguagem (...) responsável por transportar o sentido literal de uma palavra ou frase, dando-lhe um sentido figurado”³.

Propomos o entendimento da *metáfora* como *práxis social*, tendo em conta as conceções da *comunicação circular* ou *comunicação como interação* – valorizando o percurso (que mencionamos sem aprofundamento), desde os anos 50, com os estudos de B. Bateson, E. Hall e E. Goffman; e, desde fins dos anos 60, com os consagrados estudos de Malmberg e Jakobson, ambos de 1969 (Damasceno, 2015; Barros s/d).

Sistematizemos, então, o nosso entendimento da *metáfora*.

0.1. A Metáfora integra o processo de comunicação interaccionalista

Sabemos bem que são múltiplos, complexos e diversos os elementos e as funções nos processos de comunicação. Como sistematiza Damasceno (2015, p. 3) “Jakobson, na esteira de Bühler, amplia as funções da linguagem e dá ênfase aos elementos do processo de comunicação, destacando as funções expressiva, apelativa, representativa, fática, meta-linguística e função poética, todas presentes no processo da comunicação.”

A estas funções, articulam-se, complexificando-as, os 5 aspetos interativos da comunicação, de que citamos, da sistematização (Barros s/d pp. 11-13):

- i) “a reciprocidade ou reversibilidade da comunicação sempre dialógica”;
- ii) “o carácter ao mesmo tempo contratual e polémico da comunicação” – que a obra de Erving Goffman já mostrara;
- iii) “a construção de simulacros que regem as relações entre os sujeitos” pois “as imagens dos interlocutores ou os simulacros dos

sujeitos constroem e determinam as relações de comunicação e de interação entre sujeitos”;

- iv) “a constituição dos próprios sujeitos que dialogam”, i. e.: “os sujeitos de comunicação não são dados previamente, mas constroem-se ao comunicar-se” pois, na senda de Bakhtin “no diálogo, constroem-se as relações intersubjetivas, mas, também a subjetividade”; e
- v) “o alargamento da circulação do dizer”, quer dizer, “a comunicação rompe muitas vezes o carácter ‘intimista’ de um diálogo entre ‘eu’ e ‘tu’, ‘aqui’ e ‘agora’” – contextos de comunicação com públicos (TV...), complexificando-se ainda com a comunicação virtual e em rede.

Se se reconhecer que, no processo de comunicação, estão em jogo *textos* ou *discursos* (mais do que ‘mensagens’ segundo a *Análise do Discurso* de Pêcheux), então, aqueles não se situam “apenas no plano dos significantes ou da expressão”, como a teoria da informação estipulava para as ‘mensagens’, pois são “entendidos como tendo duas faces”. Na verdade, reconhece-se que a *expressão* – ou *significantes* – circula entre o *destinador* (designação, agora, para ‘emissor’) e o *destinatário* (designação, agora, para ‘receptor’); ao mesmo tempo que o *conteúdo* – ou *significados* –, devém “inseparável da expressão que a ‘expressa’ e que também circula entre destinador e destinatário” (Barros s/d p. 13).

E temos ainda de tomar, dos contributos sobre comunicação e interação devidos à *Teoria Semiótica* (trabalhos de Greimas de 1989 e 1990), o princípio basilar que permitiu passar a “situar a comunicação no quadro mais amplo” dos dois eixos estruturadores “*das atividades humanas*”, os quais são: i) o eixo da produção (ou ação humana sobre a natureza e coisas); e ii) o eixo da comunicação-“ação (...) sobre os outros homens, criadora das relações intersubjetivas fundadoras, por sua vez, da sociedade” (Barros s/d pp. 13-14).

Uma vez considerada a *metáfora* enquanto componente comunicacional, deduz-se que usufruirá das mesmas condições e propriedades dos

2 In <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/met%C3%A1fora>, sublinhados nossos.

3 In <https://www.portugues.com.br/gramatica/metafora.html>, sublinhados nossos.

processos de comunicação e dos 5 aspetos interativos da comunicação.

Então, aprofunda-se a complexificação do entendimento ‘externalista e mecânico’ da *metáfora*, nomeadamente, tendo em conta que a mesma trabalha e mobiliza, de forma explícita e direta, a *função poética*.

Só que, para além dessa *função*, a *metáfora* também pode mobilizar e trabalhar, nem que indiretamente ou de modo latente, outras funções, de que se destacam a *emotiva-expressiva* e a *conativa-apelativa*.

Motivo para conceber-se a *metáfora enquanto práxis social* – não ‘replicação’ nem ‘recurso’ – que age na circularidade interativa da comunicação e da co-construção das sociedades. E, ao mobilizar e interrelacionar *saberes* através da sua *ação* poética, emotiva, expressiva e apelativa, converte-se em *ações* que são *propriedades-potencialidades inventivas, recreativas, empáticas, de representação simbólica, imaginárias e re-configuradoras*.

Esta linha de argumentação leva-nos aos saberes focados no *corpo como modo de conhecer*.

0.2. Corpo-Conhecimento e empoderamento/mudança social

Os estudos do *corpo como modo de conhecer* concebem que o corpo é mais abrangente e complexo do que um *corpo-organismo* ou um *corpo-máquina* – modelos do corpo que o restringem a *reações* musculares-físicas, psicofisiológicas, cognitivo-comportamentais ou neurofisiológicas. Está-se ante o portal para o *corpo-senciente-e-sábio*: o corpo é *matéria e produto*, co-construído de modo relacional, subjetivado e intersubjetivado. E ainda, e sobretudo, é percebido enquanto *conteúdo e processo, o modo por excelência* de aprender, ou esquecer, ou questionar ou recusar saberes e conhecimentos, etc.

Admitamos que as abordagens, desde meados do séc. XIX, da *pedagogia focada das emoções*, no desenvolvimento pessoal e na *inteligência emocional*, ajudaram a aprofundar dinâmicas emocionais e relacionais de uma *epistemologia-teoria e prática – práxis – do corpo-conhecimento* que

desvela como as emoções, aprendizagens, tarefas, rotinas, memórias... estão enraizadas no corpo, fazendo parte *do ser-sendo-em relação* que tece a sociedade e os contextos relacionais.

Dizer que é *nestes e através destes contextos* que nos fazemos-somos mais ou menos felizes, mais ou menos explorados, amados, admirados, desejados, reprovados, banidos, sucedidos, reconhecidos ou não (e o que significam e o que representam cada uma destas bitolas simultaneamente singulares e sociais?...). E dizer que é nesses e através desses contextos que conjugamos, acionamos, provocamos as nossas energias e competências fisiológicas, psico-mentais, culturais-relacionais, simbólico-representacionais, em interação com os nossos capitais-memória (física e não só) e imaginário(s).

Se se concorda que construir e criar a mudança social é distinto da criação artística *tout-court*, também se concordará que o poder das *metáforas* é distinto entre ambas as práticas. Ora, pode optar-se por valorizar essas diferenças como ganhos, se nos perguntarmos: quanto ganha a mudança social – e a felicidade do ser humano – se recorrermos às potencialidades da *metáfora* na requalificação sócio-identitária dos atores e da vida sociais?

1. Capacitação-intervenção social, requalificação sócio-identitária, empoderamento: centralidade de metáforas na reconstrução de narrativas

Pudemos experienciar (Toscano 2010; 2015) como o *trabalho com e pela metáfora* nos processos de requalificação sócio-identitária converge cabalmente com a *pedagogia encarnada*. Esta afirma a pedagogia como uma “pedagogia de la alteridade”, quer dizer, uma pedagogia do encontro complexo com ‘O Outro’ (Ortega 2019, p. 28) Deste modo, assume-se como uma pedagogia informada pela lógica do *dom* e da *gratuidade* (2019, pp. 23-25) e por uma *ética da compaixão*. A bem ver, considera-se que, a prática do acolhimento e de ações pela requalificação das vivências “da vulnerabilidade e da fragilidade” (2019, pp. 26-28), implica contrariar a cultura e lógica da

eficácia e do descartável, subjacentes à ‘máquina da faturação’ contemporânea que a tudo vende/confere preço, ratando ou desqualificando o valor.

Do nosso conhecimento das trajetórias de mulheres portuguesas migrantes no país Basco nos anos 90 (Toscano, 2010) ressaltam componentes centrais e transversais aos *processos de requalificação sócio-identitária*, convergentes com esta conceção pedagógica, como passamos a situar.

2.1. O empoderamento: processos de requalificação sócio-identitária e componentes

Da pesquisa que realizámos (Toscano 2010, 2015) ressalta, como ideia-mestra, o *entendimento de que a requalificação sócio-identitária empodera-dora* se co-constrói em contextos e meios envolventes que também mudam – ao invés das noções de relativismo cultural, assimilação, adequação unilateral ou integração passiva.

As vivências de empoderamento face a condições socialmente desqualificadas –suscitando múltiplas relações e reações: ‘saída’, superação, rotura ou abandono, etc – são experiências sociais temporalizadas e ‘circunstancializadas’ em contextos e situações (Dubar, 1991, 2006). Logo, são *processos socialmente co-construídos* (não aconteci-mentos, eventos, factos nem acasos) *de requalificação sócio-identitária dos actores em sujeitos de acção*, seguindo a formulação global da obra de Alain Touraine.

Entender-se estes processos do empoderamento nas trajetórias de mulheres portuguesas migrantes no país Basco nos anos 90, passou por responder a uma pergunta comum – “como se dá a volta por cima?” – que, pela problematização conceptual, se operacionalizou numa *pergunta de partida*: «Que lógicas de ação e tipos de estratégias identitárias constroem as mulheres que, face à experiência social da desqualificação, se implicam na sua ‘requalificação sócio-identitária’?»⁴.

Tendo focalizado a pesquisa nos fatores e etapas de tais processos; nas respetivas lógicas de ação, reações identitárias, finalidades e estratégias-táticas e nos capitais identitários, pudemos destacar *três grandes dimensões* dessas *vivências*: a material, a simbólica e a relacional; bem como sete *componentes* dessa vivência (Toscano 2015), a saber:

- 1) *condições sociais de origem e de inserção* (‘estruturais’ e duradouras), articulando-se às suas *situações vivenciais* da trajetória identitária;
- 2) *momentos marcantes* com várias direções, sentidos e impactos na requalificação;
- 3) diversidade de *fatores e etapas* estruturadas desses *momentos*, como díspares *fases de reação identitária* (a mudança de etapa depende da orientação e força identitária dessa *reação*);
- 4) mobilização, pelos atores-sujeito, das suas *estratégias, táticas e finalidades identitárias*;
- 5) *lógicas de ação* (Dubet, 1996) subjacentes a todos estes *processos* de requalificação, também *processos de negociação identitária*;
- 6) dez *territórios sócio-identitários* (Toscano, 2010) categorizados, mudados-emergentes (económico-materiais, habitacionais, escolares, laborais-profissionais; das sociabilidades, desdobrados em afetivo-emocionais e em psicológico-relacionais; socio-espaciais, simbólico-representacionais, étnico-culturais e, ainda, os territórios de estilo de vida), ressaltando a lição *do forte e real poder* quer dos *territórios afetivo-emocionais*, quer dos *territórios simbólico-representacionais* percursos analisados (Toscano 2010, p. 321); e, ainda,
- 7) quatro grandes tipos de *recursos-capitais centrais*: *recursos-capitais situacionais*; *contextuais e sociais*; *disposicionais* e *recursos-capitais de subjetivação*.

Desta análise, ainda aprendemos que os *recursos-capitais situacionais e contextuais e sociais*, só por si, são impotentes ou estéreis para a requalificação social; logo: a requalificação exige a co-mobilização de outros recursos e a sua negociação, relacional e intersubjetiva; os processos

4 Sobre os conceitos de estratégias, táticas e finalidades identitárias são centrais as obras de Lipiansky, *Taboada-Leonetti et Vasquez*, e as de V. D. Gaulejac.

dos casos exemplares investigados salientaram a *importância dos recursos-capitais disposicionais*, sempre na relação com *recursos-capitais de subjetivação social*.

2.1. Processos de requalificação sócio-identitária e reconstrução de narrativas: centralidade das metáforas

Apreenderam-se, ainda, três entendimentos centrais:

- i) *não há ‘idiotas sociais’* – postulado da abordagem compreensiva-qualitativa que validámos;
- ii) *as identidades são negociações objetivas e intersubjetivas, transacções identitárias* nos espaços-tempos da ação – *eixo analítico* do que designamos por *uma sociologia das identidades*; e
- iii) *as vivências de empoderamento*, enquanto negociações objetivas e inter-sub-jetivas, são *processos de reconstrução sócio-identitária requalificadora*.

Tais processos consistem na transformação – requalificação – não apenas das práticas dos atores sociais, mas, também, do seu imaginário, como das linguagens que reformulam e expressam imaginário e práticas. Tal transformação – requalificação – faz-se através de a) superação do ‘presentismo’: imaginário, expectativas, emoções e linguagens limitadoras e/ou bloqueadoras da projeção e construção de diferentes modos de vida no futuro; b) reconstrução de imaginários, linguagens e vivências de mudança; e c) concretizações práticas n/duma vida diferente.

A prática-performativa-encarnada do *sujeito de ação requalificadora-empoderadora* distingue-se – requalificando-os – das práticas dos atores, do imaginário destes e das linguagens que expressam e reformulam.

É por isto que, ao imaginário e às linguagens da requalificação servem todos os saberes dos atores-a-devir-sujeitos, de que *o trabalho da metáfora* se apresenta central, pelos poderes e potencialidades antes expostos.

Reflexões Finais

Requalificação Sócio-Identitária: processos de aprendizagem mobilizados por metáforas socialmente encarnadas

1.

Do exposto emerge a *centralidade da metáfora nos processos de comunicação interaccionais, os constituintes da sociedade*.

As *metáforas* acionam as *funções* poética, emotiva-expressiva e apelativa dos processos de comunicação interaccionais, projetando-se, tal diversidade, nas *potências* ou *poderes* das mesmas *metáforas*: *potências* ou *poderes* inventivos, recreativos, empáticos, de representação simbólica, imaginários e re-configuradores.

Dito de outro modo: se a comunicação funda as relações intersubjetivas que, “por sua vez,” fundam-constroem a sociedade; então, a comunicação também é o processo pelo qual se fundam as relações intersubjetivas de intervenção para a mudança social (capacitação, empoderamento e requalificação sócio-identitária).

Sabendo que não se esgota a sociedade no seu eixo comunicacional, percebemos, obviamente, que o trabalho nesse eixo comunicacional é produtor da ação-sociedade que possibilita a ação humana sobre a(s) natureza(s), onde ambas se enraízam.

2.

Do exposto emerge a *centralidade da metáfora nos processos de requalificação sócio-identitária*.

Para almejar e concretizar a mudança inerente à requalificação sócio-identitária, são determinantes as ações inventivas, recreativas, empáticas, de representação simbólica, imaginárias e re-configuradoras da ‘condição de partida’.

Trata-se de acções determinantes de auto-apropriação da possibilidade de mudar, e de posterior instigação à ação e implicação no trabalho identitário-mudança que nenhuma medida de caridade de bens ou de imposição de recursos materiais ou simbólicos, consegue garantir.

Ora, tais ações – inventivas, recreativas, empáticas, de representação simbólica, imaginárias e

re-configuradoras da condição e vivência de partida – são as propriedades-potencialidades da *metáfora* que, como *práxis social*, tem sido central nos processos de mudança social (para aprender e/ou requalificar a vida).

3.

Do exposto emerge a centralidade dos processos – e do paradigma – de comunicação interacionais e da pedagogia encarnada nos processos de requalificação sócio-identitária.

Se aprender é um processo relacional sempre perpassado pelo nosso corpo de saberes-emoções e sentimentos; e se os seres humanos não se podem pensar-reflectir-observar-viver a realidade sem estar imbuído ou vinculado a algum paradigma (ainda que inconsciente), tão-pouco podemos escolher paradigmas e vivenciar aprendizagens e mudanças – sejam elas como aprendizes-estudantes, sejam como actores socialmente desqualificados – fora do corpo de saberes, humano e social.

Pelo que os processos de requalificação sócio-identitária são aprendizagens mobilizados por *metáforas, práxis sociais socialmente encarnadas* que superem a ética da guerra identitária em prol de uma ética da promoção e dignidade humanas, sempre individuais, pessoais e relacionais-colectivas – clássicos ensinamentos dos sociólogos, fundadores da sociologia, atuais e a aprofundar nas sociedades contemporâneas da pós-modernidade líquida.

Referências Bibliográficas

- Barros, D. L. P. (s.d.). *A comunicação humana*. Moodle USP. <https://edisciplinas.usp.br>
- Bellerín, M. M. (2021). El cuerpo en la producción de conocimiento: Investigación aplicada en grupos de estudiantes universitarios de Perú y Ecuador. *Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, 5, , 1-18. <https://doi.org/10.46661/relies.4877>
- Damasceno, E. A. (2015). *A comunicação humana: Das funções da linguagem à competência modal e semântica dos sujeitos da comunicação*. ResearchGate. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3890.5444>
- Dubet, F. (1996). *Sociologia da experiência*. Instituto Piaget.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido* (23ª ed.). Paz e Terra.

- Friedmann, J. (1996). *Empowerment: Uma política de desenvolvimento alternativo*. Celta Editora.
- Gaulejac, V. de. (s.d.). Le manager et le RMIste. *Pour*, (167), 167-178.
- Gaulejac, V. de, & Auber, N. (1990). *Femmes au singulier ou la parentalité solitaire*. Klincksieck.
- Gaulejac, V. de, & Taboada-Leonetti, I. (1994). *La lutte des places*. Hommes et Perspectives.
- Lipiansky, E.-M., Taboada-Leonetti, I., & Vasquez, A. (1998). Introduction à la problématique de l'identité. Em C. Camilleri, J. Kastersztejn, E.-M. Lipiansky, H. Malewska-Peyre, I. Taboada-Leonetti, & A. Vasquez-Bronfman (Orgs.), *Stratégies identitaires* (pp. 71-96). Presses Universitaires de France.
- Ortega, M. I. B. (2004). La educación moral como pedagogía de la alteridad. *Revista Española de Pedagogía*, 62(227), 5-30. <https://doi.org/10.22550/2174-0909.2315>
- Rappaport, J. (1977). *Community psychology: Values, research, and action*. Holt, Rinehart & Winston.
- Rappaport, J., & Seidman, E. (Orgs.). (2006). *Handbook of community psychology*. Springer.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. Companhia das Letras.
- Toscano, M. F. (2010). *Sociologia das identidades, ofício de revelação: Exemplares formas de vida: Testemunhos de mulheres em luta pela requalificação social* [Tese de doutorado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2833>
- Toscano, M. F. (2015). Como se sai da pobreza? Os processos de requalificação sócio-identitária (PRSI) de portuguesas no País Basco, pela análise sociológica da oralidade. Em F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Orgs.), *Pobreza e exclusão social em Portugal: Contextos, transformações e estudos* (pp. 197-212). Edições Húmus.
- Zimmerman, M. A. (1995). Psychological empowerment: Issues and illustrations. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), 581-599. <https://doi.org/10.1007/BF02506983>

Maria de Fátima Toscano. Socióloga Licenciada e doutorada (2010) pelo ISCTE-IUL – Aprovação com Distinção e Louvor – especializada em “Processos de Requalificação Sócio-Identitária” (<http://hdl.handle.net/10071/2833>). Professora Auxiliar Convidada do Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra). Performer e escritora: 33 livros de poesia e 1 Romance. CIÊNCIA ID: 3210-69E0-C4C6. Email: maria.toscano@gmail.com

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 15 de abril de 2026. Aprovado para publicação a 24 de maio de 2026.